

O indício mais forte da renovação da filosofia está nesse movimento de reflexão que o símbolo provoca. É um autêntico desafio a um certo triunfalismo da razão abstrata de alguns sistemas filosóficos da nossa tradição. Ao lado da racionalidade, a cultura e o símbolo representam também com igual ou maior força de expressão do ser humano a não-racionalidade da imaginação e do sentimento. Como integrar todos esses fatores numa visão de globalidade do homem, sem o recurso ao “tribunal” da razão lógica e clarividente, constitui certamente uma das tarefas da filosofia atual, que poderá obrigar a uma revisão e autodefinição capaz de superar as fronteiras demasiado seletivas da civilização ocidental.

De qualquer modo, na concepção de uma filosofia da cultura é imprescindível a gestação e aplicação de uma função conciliadora da reflexão filosófica que mantenha sempre no seu horizonte a harmonia reencontrada ou reconquistada das partes separadas do “simbolon” grego que está na origem do conceito de símbolo. É urgente alcançar o sentido da união e do reconhecimento que o símbolo oculta na tensão dinâmica da duplicidade de significações. Filosofia, cultura e símbolo poderão ser os ingredientes dinâmicos duma (re)descoberta do homem e dum projeto humano que contribuam eficazmente para a superação dos impasses civilizacionais deste nosso fim de milênio. Se o homem continua a ser o grande enigma para si mesmo, as vias de decifração ainda não se esgotaram. Um equilíbrio mais harmonioso das faculdades humanas, nessa

autocompreensão e autodefinição tão aguardada, será seguramente um auspicioso prenúncio da harmonia generalizada a todos os níveis da vida individual e coletiva, estendendo-se mesmo a uma integração equilibrada na natureza e no universo.

Trata-se, na verdade, dum horizonte ou objetivo ideal, com capacidade de estimular a reflexão e de nela integrar as atividades de investigação e de interpretação. Contribuir para a definição desse objetivo geral da reflexão filosófica e direcionar cada uma das realizações particulares, eis a ambição que norteia a idéia ‘duma filosofia da cultura. Essa idéia se concretizará, praticamente, na análise de obras e autores que possibilitem a aproximação paulatina a um modo de ser do homem que se desvela através do seu agir cultural.

Como conclusão destas considerações projetivas em relação a uma possível filosofia da cultura, julgo razoável concebê-la, em geral, como uma reflexão interpretativa de dimensão simbólica da atividade humana.

4. A filosofia das culturas nacionais

A atividade de reflexão filosófica no campo da cultura deve receber impulso e direcionamento do horizonte geral que acabo de sugerir, mas o trabalho concreto de investigação situa-se a um nível bem mais próximo da realidade vivida no quotidiano da existência do ser humano. A idealização tem a função própria de qualquer teoria que só adquire um significado pleno quando mantém uma relação direta com a prática da

vivência humana que a suscitou pela admiração, pela dúvida, pelo questionamento interpretativo.

O fundamento da reflexão abstrata sobre a cultura está nas realizações concretas que a manifestam e que a constituem realmente. O movimento gera-se a partir das características próprias da ação criativa do homem, que identificamos como cultura. Aos resultados desse agir cultural teremos de voltar continuamente, num processo hermenêutico de permanente aferição do mesmo em relação ao outro, e do outro em relação ao mesmo.

O acesso mais imediato ao fenômeno da cultura, para o trabalho de reflexão interpretativa, está nas obras de autores singulares. Estas obras são produzidas em determinado contexto que constitui o horizonte de significação mais imediato que deve servir de referencial para o trabalho de análise e de interpretação. As culturas nacionais correspondem a esse contexto de situação em que é possível identificar um mínimo de características, no jogo de continuidade e de variações, que refletem um modo específico de agir e de estar no mundo e que apontam, em última análise, para um modo de ser do homem culturalmente diferenciado. A existência de culturas nacionais e, em cada uma dessas culturas, a presença de uma identidade própria são admitidas como hipótese de trabalho, a partir de um certo consenso na linguagem comum. O resultado cumulativo de análise hermenêutica de obras consideradas significativas em cada cultura particular poderá trazer subsídios importantes para o esclarecimento da discussão teórica acerca dessas questões sobre culturas nacionais e suas identidades.

Para o objetivo destas minhas considerações sobre filosofia da cultura, importa sublinhar que o mais importante e mais decisivo para a reflexão filosófica é o trabalho de análise a desenvolver a nível da cultura nacional. Só a este nível é possível verificar a utilidade e a validade das questões teóricas sobre a cultura em geral, uma vez que as nossas vivências e criações culturais se verificam no âmbito do particular inserido num contexto que não assume automaticamente a dimensão do universal. Digamos que é necessário verificar e analisar mais demoradamente as diferenças e cambiantes dos mais variados modos de agir e de estar no mundo, para se poder chegar a identificar as dimensões de universalidade do modo de ser do homem que sustenta e dinamiza a sua própria atividade cultural.

Falar de “filosofia de uma cultura nacional” significa, portanto, aceitar a tarefa de um trabalho de análise e de interpretação marcado pelo caráter do provisório e do parcelar que se orienta para um enquadramento mais geral de revisão e de autodefinição do homem na “encruzilhada” civilizacional da época contemporânea. Isso equivale a dizer que a cultura adquiriu um lugar proeminente no programa de uma antropologia filosófica atual, oferecendo à filosofia da cultura um capítulo central e não um substituto dessa disciplina.

É admissível uma certa variedade metodológica neste empreendimento. A atividade filosófica apoia-se sempre em determinados pressupostos que condicionam a própria metodologia. A função atribuída à filosofia, a

concepção do homem e a mundividência em geral, em cada pensador, estão entre esses pressupostos, talvez os mais decisivos. Nem por isso deixo de sugerir a hermenêutica filosófica inspirada no modelo de Paul Ricoeur, como filosofia e como metodologia, que julgo adequada ao tipo de análise interpretativa constitutiva da filosofia da cultura aqui proposta.¹³

Os aspectos metodológicos, que Paul Ricoeur fundamenta teoricamente e vai aplicando ao longo da sua obra, são simples e adaptáveis a todo o tipo de manifestações culturais. A análise hermenêutica do fato cultural em si mesmo situa-se num duplo contexto que faz parte integrante do horizonte de significado em que se efetiva o trabalho de interpretação. Todo o fato cultural remete para um contexto de produção e se prolonga ou atualiza num contexto de recepção.

A interpretação de obras escritas é a mais comum, e talvez de mais simples execução, uma vez que a compreensão do discurso escrito é habitualmente acessível, não exigindo uma preparação específica requerida por outros gêneros de expressão cultural. Paul Ricoeur concentra a sua interpretação hermenêutica em textos escritos, e a eles se aplicam imediatamente as considerações de caráter metodológico que encontramos em várias das suas obras. O esquema triádico que propõe inicia-se no texto e completa-se no duplo contexto de

produção e de recepção. Usando uma das últimas terminologias empregadas pelo autor¹⁴, o desdobramento didático desse esquema pode ser assim formulado: a obra a analisar constitui a “configuração” textual, que faz mediação entre a “prefiguração” ou pré-compreensão do mundo da ação do texto e a sua “refiguração” ou recepção da obra no mundo do leitor.

O trabalho de análise e interpretação concentra-se na semântica do texto, e a partir dela se exploram os elementos do mundo de prefiguração e do mundo de refiguração que fazem parte intrínseca da significação efetiva do texto. Pela semântica se penetra na tessitura de sentido ou sentidos do texto, revelando a sua unidade profunda e permitindo o movimento de análise que vai do patente ao oculto. Esse movimento de análise dirige a reflexão na exploração dos elos de ligação ao contexto de ação em que o texto foi produzido, mas sempre na dependência direta dos elementos que o próprio texto fornece. A reflexão se intensifica e como que atinge a sua expressão máxima na interseção com o mundo do leitor. O texto é tornado contemporâneo pela apropriação do leitor que o faz seu, e através dele amplia a própria compreensão de si mesmo, realizando assim o objetivo fundamental da hermenêutica: “Toda a hermenêutica é, explícita ou implicitamente, compreensão de si mesmo pelo desvio da compreensão do outro”¹⁵. No movimento de toda esta reflexão interpretativa se explicita a dimensão ontológica

¹³ Tive oportunidade de aplicar essa hermenêutica num trabalho acadêmico, apresentado como tese de doutoramento na Faculdade de Filosofia de Braga da UCP, e que aguarda publicação: “D. Duarte e a Filosofia da Cultura Portuguesa” – Mensagem de Portugalidade no “Leal Conselheiro”, Braga, 1991, 353 p.

¹⁴ P. Ricoeur, *Temps et Récit*, I, paris, Seuil, 1983, cf. p. 85-129.

¹⁵ P. Ricoeur, *Le Conflit des Interprétations*. Essais d'herméneutique I, Paris, Seuil, 1969, p. 20.

que a hermenêutica ricoeuriana aponta como meta final, talvez longínqua e utópica, mas nem por isso menos dinamizadora e revitalizadora do filosofar.

Convém acentuar a importância desta necessidade de conduzir a reflexão filosófica sobre a cultura pela análise das manifestações singulares no campo limitado das culturas nacionais ou regionais, como processo que oferece mais garantias de resultados efetivos na renovação da filosofia atual. Esta atitude traduz a convicção de que é urgente rever e repensar criticamente muitos dos fundamentos dos modelos culturais e filosóficos dos sistemas de pensamento que não satisfazem mais as dúvidas e interrogações do homem de hoje, e talvez não correspondam mais às estruturas de vida e de significação predominantes na sociedade atual. O significado último desta atitude deverá vincular-se à exigência de uma certa dose de modéstia e de humildade nas pretensões do pesquisador e do filósofo, face às proporções da consciência de crise e até de catástrofe que se apoderou da opinião e da mentalidade contemporânea. Aceitar o caráter limitado e provisório do saber em geral e dos diversos saberes em particular, neste imenso desafio lançado à razão humana de desvendar a realidade total até à sua constituição mais original e mais radical, não pode ficar apenas em mais uma declaração de intenções e num posicionamento teórico sem consequências práticas. Para a reflexão filosófica, a concentração no tema da cultura e a opção pela “via longa” de revisão e de reinterpretação do infindável acervo cultural de cada cultura particular

poderão ser uma das versões mais promissoras na busca de resposta a esse desafio civilizacional.

5. Valor e significado da cultura

O valor da cultura, e simultaneamente a cultura como valor, depreende-se sem dificuldade dos interesses teóricos acima apontados. Ao mesmo tempo, outros interesses se têm denunciado cada vez mais envolvidos com o uso e a orientação do desenvolvimento do fenômeno da cultura. É fácil verificar a disputa pela liderança da influência no domínio da cultura, a nível político, social e religioso. A indicação de apenas alguns exemplos é suficiente para o objetivo destas considerações.

A famosa “revolução cultural” na China de Mao-Tse-Tung ainda pode servir de exemplo do interesse pelo fenômeno da cultura como meio de sedimentação e estabilidade nas mudanças introduzidas. Alterações políticas sem mudanças culturais não produzem revolução. A divulgação política e ideológica decorrente desse fato procura lançar mão da teorização sobre a cultura e da promoção de obras sobre essa temática; o caso da reflexão teórica de A. Gramsci pode ilustrar essa preocupação no interior do marxismo, e o investimento em publicações de divulgação nessa área, na URSS dos anos 60, mostra bem o lado do seu uso ideológico.

Os interesses religiosos e pastorais perante o mesmo fenômeno provam movimentos e decisões importantes em instituições religiosas como a Igreja Católica dos anos 50 e 60, com as linhas de orientação

definidas no último concílio ecumênico e sucessivamente reafirmadas pelos Papas posteriores. A retomada do estudo e da militância das religiões e do misticismo orientais traz também um forte ressurgimento da dimensão cultural a que estão vinculados. Deseja-se, na maior parte das vezes, fortalecer um diálogo e intercâmbio que interfiram decisivamente na superação das dificuldades e dos impasses do presente.

Para ilustrar o aspecto social, a dificuldade maior está em dar prioridade às instâncias oficiais ou à chamada indústria cultural, que invadem a vida do cidadão até aos mínimos pormenores do seu dia-a-dia. São os ministérios e secretarias dos governos, que estendem o raio de ação desde a conservação e restauração de monumentos e de tradições, nas medidas legislativas sobre programas e métodos de ensino e educação, até à organização e à disponibilidade de meios que possibilitem a prática do desporto e outras atividades de ocupação de tempos livres e de lazer. E é também toda a rede de produtos comerciais que, direta ou indiretamente, se relacionam com o mundo da cultura e são indispensáveis à vida social do cidadão.

O significado deste incremento geral do valor da cultura é decisivo para a reflexão filosófica, tendo em vista, sobretudo, a perspectiva duma filosofia da cultura. Convém salientar aqui dois aspectos que me parecem mais importantes.

Primeiramente, a relação indissociável entre a compreensão e definição do homem e a cultura levou E. Cassirer a propor a substituição da tradicional definição do homem como "animal rationale" pela definição de "animal

symbolicum", pois a "razão é um termo muito pouco adequado para abranger as formas da vida cultural do homem em toda a sua riqueza e variedade"¹⁶. O homem simbolizador ou "fazedor de cultura" está no centro de qualquer nova proposta de elaboração de uma antropologia filosófica. A obra de E. Cassirer é, nesse ponto, marco de referência obrigatória.

Em segundo lugar, poderá arriscar-se a idéia de atribuir à filosofia da cultura uma função semelhante àquela que a metafísica desempenhou ao longo de muitos séculos. Isso, se concordarmos que é o horizonte cultural que serve habitualmente para situar os mais variados acontecimentos, a todos os níveis do pensamento e nas múltiplas áreas de investigação, cabendo à filosofia a tarefa de novo aprofundamento de unificação e de fundamentação dos diversos saberes das ciências. A convergência antropológica das ciências, que se vem acentuando desde o século passado, desloca a reflexão filosófica sobre a cultura para o centro desse papel unificador e fundamentador. A filosofia da cultura caberia, assim, fazer emergir progressivamente pela reflexão interpretativa o valor e sentido da vida e do agir humano, que pervadem a universalidade do fenómeno da cultura e se ocultam em cada uma das atividades do conhecimento. Esse papel unificador e fundamentador do saber era atribuído à metafísica; esta resultava da atividade exclusiva do entendimento que elaborava o quadro teórico de aferição última da validade e da verdade dos diversos saberes, para além do domínio empírico da experiência

¹⁶ E. Cassirer, *Antropologia Filosófica*, São Paulo, 1977, p. 51.

quantitativa e mensurável. Pela cultura, parece recuperar-se para a reflexão filosófica o acesso ao ser do homem, antes veiculado pela metafísica, mas agora sem perder o elo de continuidade de uma certa empiricidade que faz parte intrínseca da própria cultura.

Se esta interpretação corresponde a uma visão correta das tendências do pensamento contemporâneo, as suas implicações tornar-se-ão cada vez mais presentes e atuantes no interior da filosofia, evidenciando as potencialidades das perspectivas acima sugeridas. De qualquer modo, e para além de futurismos condicionais, a afirmação da presença da cultura como valor, e com um crescente significado como objeto da reflexão filosófica, parece-me não oferecer dúvidas nem levantar suspeitas de visão distorcida ou exageradamente parcial...

Conclusão

Ao concluir estas considerações sobre a cultura, não posso deixar de referir alguns pontos que sintetizem as idéias centrais e a orientação da minha reflexão.

A cultura foi apresentada como espelho e fonte de valores humanos, e não apenas como repositório ou depósito passivo e inerte. A cultura é valor, com uma certa assimilação da personalidade do ser que a produz. Por isso, recai sobre a cultura uma certa ambivalência e ambigüidade de sentido, comum a tudo o que é humano, exigindo reflexão e interpretação.

A dimensão simbólica, a “dar que pensar”, envolve o homem e a cultura num mesmo objeto de

reflexão e de análise hermenêutica. A filosofia poderá sair revitalizada com o desafio lançado pela evolução da cultura. É possível idealizar o projeto duma filosofia da cultura que dinamize a reflexão filosófica e estruture uma antropologia filosófica atual, com a indicação prática e metodológica dos trabalhos a realizar.

A complexidade do fenômeno da cultura é acrescida pela perplexidade do pensador que se esforça por aprofundar a compreensão e interpretação crítica desse fenômeno. Na verdade, o pensador crítico sempre se encontra envolvido pela cultura e reconhece-se como parte integrante dela. Não é possível apostar numa interpretação profunda da cultura sem aquele mínimo de paixão que acompanha todo o empreendimento humano importante. A interpretação da cultura parece, pois, não poder ser levada a cabo com total isenção, liberta de pressupostos que condicionem de algum modo os resultados finais. É esta a grande interrogação que sempre surge na revisão retrospectiva de qualquer projeto ou realização prática. A própria reflexão filosófica é obrigada a conviver com esse condicionamento. A aceitação consciente dessa limitação deverá dar maior consistência à modéstia e humildade da sua contribuição para a elaboração duma antropologia filosófica atual.

Um fator positivo a resgatar e a incentivar na evolução recente da cultura é o renascer da força da utopia em relação a um mundo mais humano. A cultura recupera para o homem essa riqueza imensa do seu lado emotivo e sentimental, e introduz na reflexão filosófica a exigência de repensar a soberania da racionalidade. O caminho

iniciado na reflexão teórica sobre a cultura, onde a harmonia na diferença integrada já faz sentir alguns efeitos práticos na valorização e na convivência dos povos, habilita-nos a olhar com mais esperança para essa capacidade criativa e regeneradora da própria cultura. Com o desenvolvimento da cultura, acompanhado de séria reflexão interpretativa, um futuro mais humano pode tornar-se realidade.

Finalmente, para a concretização efetiva da assimilação individual e da aplicação social dos efeitos humanizantes e integradores da cultura, temos de remeter para um outro domínio que excede os propósitos destas páginas. Trata-se da questão dos conteúdos e da orientação dos programas de ensino e de formação do cidadão. A partir das considerações oferecidas ao longo destas páginas, impõem-se a necessidade urgente de uma maior liberdade e autonomia nas decisões individuais que a vida social de hoje exige. Uma consciência culturalmente orientada e esclarecida constituirá a base mais segura dessa formação e da construção dum mundo melhor.